

SHIRLEY JACKSON



**SEMPRE VIVEMOS
NO CASTELO**



cavalo de ferro

Chamo-me Mary Katherine Blackwood. Tenho dezoito anos e vivo com a minha irmã Constance. É frequente pensar que se tivesse tido um pouco de sorte poderia ter nascido lobisomem, porque o anular e o dedo médio das minhas mãos têm o mesmo comprimento, mas tive de me contentar com aquilo que tenho. Não gosto de me lavar, nem de cães ou barulho. Gosto da minha irmã Constance, de Ricardo Coração de Leão e do *Amanita phalloides*, o cogumelo da morte. Todas as outras pessoas da minha família estão mortas.

A última vez que olhei para os livros da biblioteca que se encontram na prateleira da cozinha já há cinco meses que tinham ultrapassado o prazo de devolução, e perguntei a mim própria se teria escolhido outros se soubesse que aqueles eram os últimos livros, aqueles que permaneceriam para sempre na nossa prateleira da cozinha. Raramente mudávamos as coisas; os Blackwood nunca foram uma família de grande impaciência e agitação. Ocupávamo-nos com os pequenos objectos efémeros de superfície, os livros e flores e colheres, mas sob tudo isso sempre tivemos uma fundação sólida de posses estáveis. Voltamos sempre a pôr as coisas no seu devido lugar. Limpávamos o pó e varriamos debaixo das mesas e cadeiras e camas e quadros e tapetes e candeeiros, mas deixávamo-los onde estavam; o conjunto de *toilette* de tartaruga colocado sobre o toucador da minha mãe nunca se moveu do seu lugar mais do que um centímetro. Sempre viveram Blackwood na nossa casa, e mantiveram as suas coisas em ordem; sempre que uma nova mulher Blackwood se mudava, encontrava-se um lugar para os seus pertences, e assim a nossa casa foi erguida

sobre camadas de bens Blackwood que a faziam pesar e a mantinham firme contra o mundo.

Foi numa sexta-feira de Abril passado que trouxe os livros da biblioteca para a nossa casa. As terças e as sextas-feiras eram dias terríveis, porque eu tinha de ir à aldeia. Alguém tinha de ir à biblioteca e à mercearia; Constance nunca saía do nosso jardim, e o tio Julian não o podia fazer. Assim sendo, não era o orgulho que me levava à aldeia duas vezes por semana, nem sequer a teimosia, apenas a simples necessidade de livros e comida. Podia ser o orgulho que me levava a passar pela Stella para uma chávena de café antes de voltar a casa; dizia a mim mesma que era orgulho e que não evitaria passar pelo Stella's por mais que quisesse estar em casa, mas também sabia que Stella me veria a passar se eu não entrasse, e talvez pensasse que estava com medo, e isso era algo que eu não conseguia suportar.

– Bom dia, Mary Katherine – dizia sempre Stella, estendendo o braço para limpar o balcão com um pano húmido –, como estás hoje?

– Muito bem, obrigada.

– E a Constance Blackwood, está boa?

– Muito boa, obrigada.

– E como é que *ele* está?

– Tão bem quanto se pode esperar. Café preto, por favor.

Se alguém entrasse e se sentasse ao balcão, eu deixaria o meu café sem me mostrar apressada e sairia, acenando um adeus a Stella. «Fica bem», dizia-me ela automaticamente sempre que eu saía.

Escolhia os livros da biblioteca com cuidado. Claro que havia livros em nossa casa; o escritório do nosso pai tinha duas paredes cobertas de livros, mas eu gostava de contos de fadas e livros de História, e Constance gostava de livros acerca de comida. Embora o tio Julian nunca pegasse num livro, gostava de ver Constance a ler aos serões enquanto ele trabalhava nos seus papéis, e por vezes virava a cabeça para olhar para ela e assentia.

– O que é que estás a ler, minha querida? Que bela visão, uma senhora com um livro.

- Estou a ler uma coisa chamada *A arte de cozinhar*, tio Julian.
- Admirável.

Claro que com o tio Julian na sala não ficávamos em silêncio durante muito tempo, mas não me lembro de nenhuma de nós ter aberto os livros que ainda se encontram na nossa prateleira da cozinha. Estava uma bela manhã de Abril quando saí da biblioteca; o sol brilhava e viam-se por todo o lado as promessas falsas e gloriosas da Primavera, exibindo-se estranhamente por entre a fuligem da aldeia. Lembro-me de ter parado na escadaria da biblioteca a segurar os meus livros e de olhar por um instante para a ligeira insinuação de verde nos ramos que se destacavam contra o céu e de ter desejado, como sempre fazia, poder voltar a casa pelo céu em vez de atravessar a aldeia. Da escadaria da biblioteca, eu podia atravessar directamente a rua e caminhar pelo outro lado até à mercearia, mas isso significava que teria de passar pelo armazém e pelos homens sentados na entrada. Nesta aldeia, os homens permaneciam jovens e bisbilhotavam, e as mulheres envelheciam com um cansaço cinzento e maléfico e ficavam silenciosamente à espera de que os homens se levantassem e voltassem para casa. Eu podia sair da biblioteca e subir a rua deste lado até me encontrar em frente da mercearia e depois atravessar; isso era preferível, embora assim tivesse de passar pela estação dos correios e pela casa Rochester com as suas pilhas de latas enferrujadas e os carros desmantelados e as latas de gasolina vazias e os velhos colchões e tubos de canalização e tinas de banho que a família Harler levava para casa e adorava – algo em que eu genuinamente acreditava.

A casa Rochester era a mais bela da aldeia e tivera outrora uma biblioteca apainelada a nogueira e um salão de baile no segundo piso e uma profusão de rosas ao longo do alpendre; a nossa mãe nascera ali e por direito deveria pertencer a Constance. Decidi, como sempre fazia, que seria mais seguro passar pela estação dos correios e pela casa Rochester, apesar de não me agradar ver a casa onde a nossa mãe nascera. De manhã, aquele lado da rua estava geralmente deserto, pois ficava à sombra, e depois de entrar na mercearia eu teria de qualquer maneira de passar pelo armazém para chegar a casa, e passar por ali à partida e à chegada era mais do que eu conseguia aguentar.

Fora da aldeia, em Hill Road e River Road e Old Mountain, pessoas como os Clarke e os Carrington tinham construído casas novas, adoráveis. Tinham de atravessar a aldeia para chegar a Hill Road e a River Road porque a rua principal da aldeia também era a estrada nacional que atravessava o estado, mas os filhos dos Clarke e os rapazes Carrington andavam em escolas particulares e a comida servida nas cozinhas de Hill Road vinha de vilas e da cidade; a correspondência era levada de carro da estação dos correios da aldeia ao longo de River Road e subia a Old Mountain, mas as pessoas de Mountain enviavam as suas cartas nas vilas e as pessoas de River Road cortavam o cabelo na cidade.

Sentia-me sempre intrigada ao ver que as pessoas da aldeia, que viviam em pequenos casebres sujos junto à estrada nacional ou em Creek Road, sorriam e assentiam e acenavam aos Clarke e aos Carrington quando eles passavam de carro; se Helen Clarke entrava na mercearia Elbert's para comprar uma lata de molho de tomate ou um quilo de café que a sua cozinheira esquecera, todos lhe diziam «Bom dia» e diziam que hoje o tempo estava melhor. A casa dos Clarke é mais recente, mas não é melhor do que a casa Blackwood. O nosso pai trouxe para casa o primeiro piano alguma vez visto na aldeia. Os Carrington são donos da fábrica de papel, mas os Blackwood são donos de toda a terra entre a estrada nacional e o rio. Os Shepherd de Old Mountain deram à aldeia a sua câmara municipal, que é branca e termina numa ponta e está situada num relvado verde com um canhão à frente. Houve uma vez conversas acerca de se dividir a aldeia em zonas e de se deitarem abaixo os casebres de Creek Road e de se construir uma aldeia nova para não destoar da câmara municipal, mas nunca houve ninguém que levantasse um dedo; talvez tivessem pensado que os Blackwood começariam a participar nas reuniões da câmara se o fizessem. Os aldeões obtêm as suas licenças de caça e pesca na câmara, e uma vez por ano os Clarke e os Carrington e os Shepherd vão à reunião da câmara e votam solenemente que irão remover o depósito de sucata dos Harler da rua principal e tirar os bancos da frente do armazém, e todos os anos os aldeões os derrotam alegremente. Passando pela câmara, e formando um

ângulo à esquerda, fica a Blackwood Road, que é o caminho para casa. A Blackwood Road faz um círculo enorme à volta da terra dos Blackwood e ao longo de cada centímetro da Blackwood Road encontra-se uma vedação de arame construída pelo nosso pai. Não muito para lá da câmara fica a grande rocha negra que assinala a entrada do carreiro onde eu destranco o portão e o tranco atrás de mim e atravesso os bosques e estou em casa.

As pessoas da aldeia sempre nos odiaram.

Eu brincava a um jogo quando ia às compras. Pensava nos jogos das crianças em que o tabuleiro está marcado com pequenas casas e cada jogador se move segundo o lançamento dos dados; havia sempre perigos, como «perde uma jogada» e «recue quatro casas» e «regresse ao início», e pequenas ajudas, como «avance três casas» e «dê uma volta extra». A biblioteca era a minha casa da partida, e a rocha negra, a casa da chegada. Tinha de descer um dos lados da rua principal, atravessar, depois subir pelo outro lado até chegar à rocha negra, onde venceria. Comecei bem, com uma jogada segura ao longo do lado vazio da rua principal, e talvez aquele viesse a ser um dos dias muito bons; às vezes era assim, mas não era frequente nas manhãs de Primavera. Se fosse um dia muito bom, mais tarde eu faria uma oferenda de jóias para mostrar a minha gratidão.

Quando comecei a andar, fi-lo rapidamente, a respirar fundo para conseguir continuar e não olhar em volta; tinha os livros da biblioteca e o meu saco das compras para carregar, e observei os meus pés a moverem-se um depois do outro; dois pés nos velhos sapatos castanhos da nossa mãe. Senti alguém a olhar para mim do interior da estação dos correios — não aceitávamos correio e não tínhamos telefone; há seis anos que ambos se tinham tornado insuportáveis —, mas eu podia lançar um olhar rápido à estação; quem estava a olhar para mim era a velha menina Dutton, que nunca olhava abertamente para ninguém como as outras pessoas, mas apenas olhava por entre estores ou atrás de cortinados. Eu nunca olhava para a casa Rochester. Não conseguia suportar a ideia de que a nossa mãe nascera ali. Por vezes perguntava-me se a família Harler sabia que vivia numa casa que devia ter pertencido a Constance; havia sempre tanto barulho

de latas a bater no pátio que não me conseguiam ouvir a passar. Talvez os Harler pensassem que o ruído interminável afastava os demónios, ou talvez fossem musicais e achassem que o som era agradável; talvez os Harler vivessem dentro de casa da mesma maneira como viviam fora dela, sentados em velhas tinas e a jantar em pratos partidos pousados na carcaça de um velho *Ford*, a chocalhar latas enquanto comiam, e a falar aos berros. Havia sempre montículos de terra em frente do passeio onde os Harler vivem.

A seguir teria de atravessar a rua (perdia uma jogada) para chegar ao lado oposto da mercearia. Eu hesitava sempre no passeio, vulnerável e exposta, enquanto o trânsito passava. A maior parte do trânsito da rua principal era rápido, carros e camiões a atravessar a aldeia porque era por ali que a estrada nacional passava, por isso os condutores mal olhavam para mim; eu conseguia distinguir um carro local pelo olhar rápido e desagradável que o condutor me lançava, e perguntava a mim própria, sempre, o que é que aconteceria se eu descesse da bermã para a estrada; iria haver uma viragem rápida, quase involuntária na minha direcção? Talvez apenas para me assustarem, apenas para me verem saltar? E depois as gargalhadas, vindas de todos os lados, de trás dos estores da estação dos correios, dos homens em frente do armazém, das mulheres que espreitavam da entrada da mercearia, todos eles a observar e a regozijar-se por ver Mary Katherine Blackwood a correr precipitadamente para fora do caminho de um carro. Às vezes, perdia duas ou até três jogadas porque esperava muito cuidadosamente que a rua estivesse livre em ambas as direcções para eu poder atravessar.

A meio da rua, saí da sombra para o sol resplandecente e enganador de Abril; em Julho, o piso da estrada estaria mole devido ao calor e os meus pés iriam agarrar-se ao asfalto, tornando a travessia mais perigosa (Mary Katherine Blackwood, o seu pé colado no alcatrão, a encolher-se enquanto um carro se lançava sobre ela; volta para trás, até à casa da partida, e recomeça), e os edifícios seriam mais feios. Toda a aldeia fazia parte de uma peça, de uma época, de um estilo; era como se as pessoas precisassem da fealdade da aldeia e se alimentassem dela. As casas e as lojas pareciam ter sido instaladas

com uma pressa desprezível para fornecer abrigo aos desinteressantes e desagradáveis, e a casa Rochester e a casa Blackwood e até a câmara municipal tinham sido levadas até ali talvez acidentalmente, vindas de um país adorável e distante onde as pessoas viviam com graciosidade. Talvez as belas casas tivessem sido capturadas – talvez como forma de castigo para os Rochester e os Blackwood, e os seus corações secretamente maus? – e tivessem sido aprisionadas na aldeia: talvez a sua decadência lenta fosse sinal da fealdade dos aldeões. A fila de lojas na rua principal era imutavelmente cinzenta. As pessoas que eram donas das lojas viviam por cima delas, numa fileira de apartamentos no segundo piso, e os cortinados na fileira regular de janelas do segundo piso eram pálidos e sem vida; nesta aldeia, qualquer coisa que tivesse a intenção de ser colorida perdia rapidamente essa vontade. A influência maligna sobre a aldeia nunca foi causada pelos Blackwood; os aldeões pertenciam ali e a aldeia era o único lugar adequado para eles.

Pensava sempre em podridão quando me aproximava da fila de lojas; pensava numa podridão negra dolorosa ardente que comia as coisas a partir do seu interior, magoando-as terrivelmente. Desejei aquilo para a aldeia.

Tinha uma lista de artigos a comprar na mercearia; Constance fazia-ma todas as terças e sextas-feiras, antes de eu sair de casa. As pessoas da aldeia não gostavam do facto de termos sempre muito dinheiro para pagarmos tudo aquilo que quiséssemos; claro que tínhamos tirado o nosso dinheiro do banco, e eu sabia que falavam do dinheiro escondido na nossa casa, como se fossem grandes pilhas de moedas de ouro e Constance e o tio Julian e eu nos sentássemos ao serão, os nossos livros da biblioteca esquecidos, e brincássemos com elas, a passar as nossas mãos por elas e a contá-las e a empilhá-las e a fazê-las cair, trocistas e escarnecedores atrás de portas fechadas. Calculo que houvesse muitos corações apodrecidos na aldeia a cobiçar as nossas pilhas de moedas de ouro, mas eram cobardes e tinham medo dos Blackwood. Quando eu tirava a minha lista de compras do saco, também tirava a carteira, de modo que o Elbert da mercearia soubesse que eu trouxera dinheiro e não pudesse recusar-se a vender-me nada.

Nunca interessava quem estava na mercearia. Eu era sempre atendida de imediato; o senhor Elbert ou a sua mulher pálida e gananciosa afastavam-se logo do que quer que estivessem a fazer na loja para me irem buscar aquilo que eu queria. Por vezes, se o filho mais velho os estivesse a ajudar por estar de férias da escola, apressavam-se a certificar-se de que não era ele quem me atendia, e uma vez, quando uma menina – uma criança estranha à aldeia, é claro – se aproximou de mim na mercearia, a senhora Elbert empurrou-a para trás com tanta brutalidade que a menina gritou e depois seguiu-se um longo momento de silêncio expectante antes de a senhora Elbert respirar fundo e dizer, «Mais alguma coisa?» Eu mantinha-me sempre perfeitamente direita e rígida quando as crianças se aproximavam, porque tinha medo delas. Tinha medo que me pudessem tocar e que as mães se lançassem a mim como um bando de falcões de garras de fora; era sempre essa a imagem que eu tinha na cabeça – aves a descer, a atacar, a rasgar com garras afiadas como lâminas. Naquele dia eu tinha de comprar muitas coisas para Constance, e foi um alívio ver que não havia crianças na loja e que eram poucas as mulheres; direito a uma jogada extra, pensei, e disse ao senhor Elbert:

– Bom dia.

Ele assentiu; não podia deixar de me cumprimentar e no entanto as mulheres na loja observavam. Virei-lhes as costas, mas conseguia senti-las atrás de mim, a segurarem uma lata ou um saco meio cheio de biscoitos ou uma alface, sem se quererem mover até eu ter voltado a sair pela porta e a vaga de conversas recomeçar e elas serem de novo varridas para as suas próprias vidas. A senhora Donell estava lá atrás, algures; eu vira-a quando entrara, e perguntei-me, como era habitual, se ela fora até ali de propósito quando soube eu ia a caminho, porque ela tentava sempre dizer alguma coisa; era uma das poucas que falavam.

– Uma galinha para assar – disse ao senhor Elbert, e a sua mulher gananciosa abriu a arca frigorífica do outro lado da loja e tirou uma galinha e começou a embrulhá-la. – Uma pequena perna de cabrito – disse –, o meu tio Julian gosta sempre de cabrito assado nos primeiros dias de Primavera.

Sabia que não o devia ter dito, e um pequeno arquejo percorreu a loja como um grito. Podia fazê-las correr como coelhos, pensei, se lhes dissesse aquilo que queria mesmo dizer, mas elas limitar-se-iam a voltar a reunir-se no exterior e ficariam a observar-me daí.

– Cebolas – disse educadamente ao senhor Elbert –, café, pão, farinha. Nozes – disse – e açúcar. Estamos com falta de açúcar.

Algures atrás de mim ouviu-se uma gargalhadinha horrorizada, e por instantes o senhor Elbert olhou por cima do meu ombro, e depois para os artigos que estava a pôr no balcão. Num segundo a senhora Elbert iria trazer a galinha e a carne, embrulhadas, e pousá-las-ia junto das outras coisas; eu não precisava de me virar até estar pronta para sair.

– Duas garrafas de leite – disse. – Meio litro de natas, quinhentos gramas de manteiga.

Os Harris tinham deixado de nos entregar lacticínios há seis anos, e agora eu comprava o leite e a manteiga na mercearia.

– E uma dúzia de ovos. – Constance esquecera-se de pôr os ovos na lista, mas só havia dois em casa. – Uma caixa de *nougat* de amendoim – disse. Naquela noite, o tio Julian iria mastigar ruidosamente enquanto mexia nos seus papéis, e deitar-se-ia todo pegajoso.

– Os Blackwood sempre tiveram uma boa mesa.

Era a senhora Donell, a falar claramente de algures atrás de mim, e alguém soltou uma risadinha e outra pessoa disse «Chiu». Não me virei; era suficiente senti-las todas ali nas minhas costas sem olhar para os seus rostos insípidos e cinzentos com os olhos cheios de ódio. Desejo que estejam todas mortas, pensei, e desejei poder dizê-lo em voz alta. Constance dizia, «Nunca as deixes ver que te interessas» e «Se lhes prestares atenção, elas só ficarão piores», e provavelmente era verdade, mas desejei que estivessem mortas. Gostaria de entrar uma manhã na mercearia e vê-las a todas, até os Elbert e as crianças, ali deitados a chorar de dores e moribundos. Depois servir-me-ia das coisas de que precisava, pensei, passando por cima dos seus corpos, tirando aquilo que me apetecesse das prateleiras, e voltaria para casa, talvez depois de dar um pontapé à senhora Donell enquanto ela estava ali estendida. Nunca me sentia arrependida de ter pensamentos

destes; apenas desejava que se pudessem transformar em realidade. «É errado odiá-las», dizia Constance, «apenas te enfraquece», mas eu odiava-as de qualquer maneira, e perguntava-me se até teria valido a pena terem sido criadas.

O senhor Elbert juntou todas as minhas compras no balcão e esperou, a olhar para a distância atrás de mim.

– Por hoje, é tudo – disse-lhe, e sem olhar para mim ele escreveu os preços num pedaço de papel e depois somou-os, depois estendeu-me o papel para que eu me certificasse de que não me estava a enganar.

Eu fazia sempre questão de verificar cuidadosamente os números, apesar de ele nunca se enganar; não havia muitas coisas que eu pudesse fazer para me vingar deles, mas fazia o que podia. As mercearias encheram o saco de compras e outro saco além desse, mas não havia outra maneira de as levar para casa senão carregando-as. Claro que ninguém se iria oferecer para me ajudar, mesmo que eu deixasse.

Perde duas jogadas. A avançar lentamente, com os meus livros da biblioteca e as minhas compras, tinha de descer o passeio passando pelo armazém e entrar na Stella. Parei na entrada da mercearia, a tac-tear o meu interior em busca de algum pensamento que me deixasse segura. Atrás de mim começaram as pequenas agitações e as tossidelas. Estavam a preparar-se para recomeçar a falar, e, de cada um dos lados da loja, os Elbert estavam provavelmente a olhar-se e a rolar os olhos, aliviados. Imobilizei duramente o rosto. Hoje ia pensar em levar o nosso almoço para o jardim, e enquanto mantinha os olhos abertos apenas o suficiente para ver por onde andava – os sapatos castanhos da nossa mãe a subir e a descer –, estava mentalmente a pôr a mesa com uma toalha verde e a levar pratos amarelos e morangos numa tigela branca. Pratos amarelos, pensei, sentindo os olhos dos homens a seguir-me enquanto passava, e o tio Julian terá um belo ovo macio com uma torrada partida ao meio, e vou-me lembrar de pedir a Constance para lhe colocar um xaile sobre os ombros, porque ainda estamos no início da Primavera. Sem olhar, vi os sorrisos e os gestos; desejei que estivessem todos mortos e que eu estivesse a andar por cima dos seus corpos. Era invulgar falarem-me directamente, apenas falavam uns com os outros.

– Aquela é uma das Blackwood – ouvi um deles dizer, num tom de voz elevado e trocista –, uma das Blackwood da quinta Blackwood.

– Que lástima o que aconteceu aos Blackwood – disse outro, suficientemente alto para que eu o ouvisse –, que pena aquelas pobres raparigas.

– Bela quinta, aquela – disseram –, boa terra para cultivar. O Alan ficaria rico, a cultivar a terra Blackwood. Se se tivesse um milhão de anos e três cabeças, e não nos ralássemos com aquilo que crescesse, um homem podia ficar rico. Mantêm a terra bem fechada, os Blackwood.

– Um homem podia ficar rico.

– Que pena as raparigas Blackwood.

– Nunca se poderá saber o que cresce na terra Blackwood.

Estou a andar por cima dos seus corpos, pensei, estamos a almoçar no jardim e o tio Julian tem o xaile sobre os ombros. Quando passava por aquela zona, eu segurava sempre as minhas compras com todo o cuidado, porque numa manhã terrível deixei cair o saco e os ovos partiram-se e o leite entornou-se e apanhei o que consegui enquanto eles gritavam, a pensar que, acontecesse o que acontecesse, eu não iria fugir, a enfiar latas e caixas e açúcar entornado de volta para o saco de compras, a dizer a mim mesma para não fugir.

Em frente do Stella's havia uma fenda no passeio que se parecia com um dedo a apontar; a fenda sempre ali estivera. Outras marcas no terreno, como a impressão da mão que Johnny Harris fizera na fundação de cimento da câmara municipal e as iniciais do rapaz Mueller no alpendre da biblioteca, tinham sido feitas em tempos que eu ainda recordava; andava no terceiro ano quando a câmara foi construída. Mas a fenda no passeio em frente do Stella's sempre estivera ali, tal como o Stella's sempre ali estivera. Lembro-me de andar de patins pela fenda, e de ter cuidado para não a pisar ou iria partir as costas da nossa mãe, e de passar por ali de bicicleta com o cabelo a esvoaçar atrás de mim; nesse tempo, os aldeões não antipatizavam abertamente connosco, embora o nosso pai dissesse que eles eram lixo. A nossa mãe disse-me uma vez que a fenda já ali estava quando ela era miúda e vivia na casa Rochester, por isso já devia ali estar quando casou

com o nosso pai e foi viver para a quinta Blackwood, e presumo que a fenda já ali estava, como um dedo a apontar, desde o tempo em que aldeia foi originalmente construída com a madeira velha e cinzenta e as pessoas feias com os seus rostos maus foram trazidas de algum lugar impossível e enfiadas nas casas para ali viver.

Stella comprou a máquina de café e mandou instalar o balcão de mármore com o dinheiro do seguro que recebeu quando o marido morreu, mas além disso não houvera nenhuma alteração no Stella's, tanto quanto eu me conseguia lembrar; depois das aulas, eu e Constance íamos até ali gastar *pennies* e todas as tardes íamos buscar o jornal para levar para casa para que o nosso pai o lesse à noite; já não comprávamos jornais, embora Stella ainda os vendesse, bem como revistas e doces a um *penny* e postais cinzentos da câmara municipal.

– Bom dia, Mary Katherine – disse Stella quando me sentei ao balcão e pousei as compras no soalho; às vezes pensava que quando desejava que todas as pessoas da aldeia morressem talvez fosse capaz de poupar Stella porque ela era o mais amável possível, o mais amável que qualquer um deles conseguia ser, e a única que mantinha um vestígio de cor. Era redonda e rosada, e quando vestia um vestido com um estampado alegre, aquele permanecia alegre durante um bocado, antes de se confundir com o cinzento-escuro do resto. – Que tal estás hoje? – perguntou.

– Muito bem, obrigada.

– E a Constance Blackwood, está boa?

– Muito boa, obrigada.

– E como é que *ele* está?

– Tão bem quanto seria de esperar. Um café simples, por favor. – Na verdade, eu preferia açúcar e natas no meu café porque é uma coisa muito amarga, mas como eu só ia até ali por uma questão de orgulho, tinha de aceitar apenas o mínimo dos mínimos como uma espécie de testemunho.

Se alguém entrasse no Stella's enquanto eu ali estava, eu levantava-me e saía silenciosamente, mas havia dias em que tinha azar. Naquela manhã ela acabara de pousar o meu café no balcão quando uma sombra tapou a entrada, e Stella olhou para cima, e disse, «Bom

dia, Jim». Dirigiu-se à outra extremidade do balcão e esperou, aguardando que ele se sentasse ali de modo que eu pudesse sair sem que reparasse em mim, mas era Jim Donell e percebi de imediato que naquele dia estava com azar. Algumas das pessoas da aldeia tinham rostos reais e eu conhecia-as e podia odiá-las individualmente; Jim Donell e a mulher encontravam-se entre essas pessoas, porque eram deliberados em vez de apenas odiarem apaticamente e por uma questão de hábito como os outros. A maior parte das pessoas teria ficado na outra ponta do balcão onde Stella esperava, mas Jim Donell aproximou-se da ponta onde eu me encontrava e sentou-se no banco ao meu lado, tão perto de mim quanto podia, porque, eu sabia-o, ele queria que aquela manhã me desse azar.

– Disseram-me – começou ele, virando-se para ficar sentado de lado no banco e olhar-me de frente –, disseram-me que vocês se vão mudar.

Desejei que ele não estivesse sentado tão perto de mim; Stella aproximou-se de nós pelo lado de dentro do balcão e desejei que ela lhe pedisse que se mudasse para eu me poder levantar e sair sem ter de o contornar.

– Disseram-me que vocês se vão mudar – disse ele, num tom solene.

– Não – respondi, porque ele estava à espera.

– Engraçado – disse ele, a olhar de mim para Stella e depois de novo para mim. – Podia ter jurado que alguém me disse que vocês iam partir dentro em breve.

– Não – respondi.

– Café, Jim? – perguntou Stella.

– Quem é que achas que teria começado uma história dessas, Stella? Quem é que achas que me queria contar que eles se iam mudar, quando eles não vão fazer semelhante coisa?

Stella abanou a cabeça, a olhar para dele, mas estava a tentar não sorrir. Vi que as minhas mãos estavam a rasgar o guardanapo de papel que tinha no colo, começando por um pequeno canto, e forcei as mãos a ficarem imóveis e criei uma regra para mim mesma: sempre que visse um minúsculo pedaço de papel, tinha de me lembrar de que devia ser mais amável para com o tio Julian.

– Nunca consigo perceber como os mexericos se espalham – disse Jim Donell. Talvez um destes dias Jim Donell morresse; talvez já existisse no seu interior uma podridão que o ia matar. – Já alguma vez ouviste mexericos como os desta terra? – perguntou ele a Stella.

– Deixa-a em paz, Jim – disse Stella.

O tio Julian era um homem idoso e estava a morrer, lastimavelmente a morrer, mais à beira da morte do que Jim Donell e Stella e qualquer outra pessoa. O pobre e velho tio Julian estava a morrer e criei a regra firme de que passaria a ser mais amável para com ele. Iríamos fazer um piquenique no relvado. Constance levar-lhe-ia o seu xaile e colocá-lo-ia sobre os seus ombros, e eu deitar-me-ia na relva.

– Não estou a incomodar ninguém, Stella. Estou a incomodar alguém? Estou apenas a perguntar aqui à menina Mary Katherine Blackwood como é que toda a gente da aldeia anda a dizer que ela e a irmã mais velha vão partir em breve. Mudar-se. Vão viver para outro sítio. – Mexeu o café; pelo canto do olho, vi a colher a rodar e a rodar e a rodar, e apeteceu-me rir. Havia algo de tão simples e tolo quanto à colher a rodar enquanto Jim Donell falava; perguntei-me se ele pararia de falar se eu estendesse a mão e lhe tirasse a colher. Provavelmente, pensei, sensata, provavelmente atirar-me-ia o café à cara. – Vão para outro lado – disse ele, num tom triste.

– Pára com isso – disse Stella.

Iria ouvir o tio Julian com maior atenção quando ele contasse a sua história. Já lhe levava *nougat* de amendoim; isso era bom.

– Aqui estava eu todo perturbado – disse Jim Donell –, a pensar que esta terra ia perder uma das suas boas e velhas famílias. Isso seria mesmo muito mau. – Girou no banco porque outra pessoa entrara; eu estava a olhar para as minhas mãos no colo e claro que não me ia virar para ver quem era, mas depois Jim Donell disse «Joe», e percebi que era Dunham, o carpinteiro. – Joe, alguma vez ouviste uma coisa como esta? Andam a dizer pela aldeia inteira que os Blackwood se vão mudar, e agora a menina Mary Katherine Blackwood está aqui sentada e diz-me que não vão.

Seguiu-se um curto silêncio. Eu sabia que Dunham estava carancudo, a olhar para Jim Donell e para Stella e para mim, a pensar

naquilo que ouvira, a escolher as palavras e a decidir o que cada uma queria dizer.

– Verdade? – disse, por fim.

– Ouçam, vocês os dois – disse Stella, mas Jim Donell continuou a falar, de costas viradas para mim e as pernas estendidas de modo que eu não pudesse passar por ele e sair.

– Ainda esta manhã estava a dizer às pessoas que é mau quando as famílias antigas partem. Embora na verdade se possa dizer que já partiu um grande número de Blackwood. – Riu-se e bateu no balcão com a mão. – Já partiram – repetiu. A colher na sua chávena estava imóvel, mas ele continuava a falar. – Uma aldeia perde muito do seu estilo quando as famílias boas e antigas partem. Qualquer pessoa pensaria – disse ele lentamente – que não são desejadas.

– É verdade – disse Dunham, e riu-se.

– A maneira como vivem na sua bela e antiga propriedade privada, com as suas vedações e o seu caminho privado e o seu modo requintado de vida.

Só parava de falar quando estava cansado. Quando Jim Donell pensava numa coisa para dizer, dizia-a com tanta frequência e de todas as maneiras que lhe era possível, talvez porque tivesse muito poucas ideias e tivesse de as torcer bem até já não restar nada. Além disso, de cada vez que se repetia, achava que estava a ser ainda mais engraçado; eu sabia que ele podia continuar com aquilo até ter a certeza absoluta de que já ninguém o ouvia, e criei outra regra para mim mesma: nunca penses mais do que uma vez numa coisa, e pousei silenciosamente as mãos no colo. Estou a viver na Lua, pensei, tenho uma casinha só para mim na Lua.

– Bom – disse Jim Donell. Também cheirava mal. – Posso sempre contar às pessoas que conheci os Blackwood. Que me lembre, nunca *me* fizeram nada, foram sempre perfeitamente amáveis para *comigo*. Não que tivesse sido alguma vez convidado a jantar com eles, nada disso – disse ele, e riu-se.

– Agora já chega – disse Stella, e o seu tom de voz era cortante. – Vai meter-te com outra pessoa, Jim Donell.

– Eu estava a meter-me com alguém? Achas que *queria* ser convidado para jantar? Achas que sou *doido*?

Considerado pela crítica uma das obras-primas da literatura norte-americana, *Sempre Vivemos no Castelo* narra a história da extravagante família Blackwood — ou do que dela restou, após a morte por envenenamento de quase todos os seus elementos à mesa de jantar. Constance, uma das filhas, é ilibada do crime, passando a viver isolada na grande casa da família, longe da hostilidade dos habitantes da cidade. Com ela vivem o seu tio inválido, o gato *Jonas* e a sua irmã, Merricat, uma adolescente ingénua e invulgar que acredita em lobisomens, no poder dos objectos e em palavras mágicas, e que tudo fará para preservar este pequeno e estranho mundo. Essa frágil harmonia, contudo, é subitamente rompida com a chegada do primo Charles. Na sua presença, os terríveis acontecimentos do passado voltarão para assombrar os Blackwood, revelando a sua verdadeira face.

«*Sempre Vivemos no Castelo* é uma memorável dramatização da agorafobia levada ao extremo.»

Rogério Casanova, *LER*

«Shirley Jackson foi das que melhor cultivaram este regresso a um terror que se serve de início tépido e que vai aquecendo muito lentamente.»

Rui Lagartinho, *Time Out*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897872082



9 789897 872082 >